

OS HARTLIBIANOS E A REFORMA ESPIRITUAL E CULTURAL DA INGLATERRA SEISCENTISTA

*Vitor Albiero**

RESUMO

Dentre outros reformistas, o grupo de Hartlib, atraído pelos princípios da Reforma Protestante, figurou entre os que anelavam a reforma completa na Inglaterra do século 17. Seus integrantes estavam convictos de que a renovação espiritual e intelectual protestante ofereceria as bases para se implantar a nova visão cultural e social. Acreditavam que a reformulação do modelo educacional e filosófico vigente alavancaria a reforma geral inglesa, ou seja, a completa reforma da religião, da cultura, da política, da economia e das outras demandas sociais. Os hartlibianos se destacaram entre os que nutriam a expectativa de que a Inglaterra deveria ocupar o centro mundial da divulgação do conhecimento, bem como reunir a liderança protestante da Europa. Seus membros e apoiadores tencionaram, durante a efervescência puritana, promover um ambiente e ocasião favoráveis às inovações intelectuais e técnicas que pudessem desenvolver os avanços sociais desde a medicina até a mineração e a agricultura inglesa. Tudo indica que os trabalhos que empreenderam entre 1640 e 1660 outorgaram parte do arranjo inicial de uma sistematização em ciência que a Inglaterra e o mundo desconheciam antes da década de 1640 e à qual, pela atividade que exerceram, a Royal Society de Londres pôde dar seguimento a partir de 1662.

PALAVRAS-CHAVE

Inglaterra; Reforma; Protestantismo; Hartlibianos; Educação; Ciência.

* O autor é engenheiro civil, bacharel em Teologia pelo Seminário José Manoel da Conceição (JMC), mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutor em História da Ciência pela PUC-SP. É ministro presbiteriano e pastorea a Igreja Presbiteriana de Peruíbe (SP).

INTRODUÇÃO

Como exemplo legítimo da cultura, da intelectualidade e da influência social protestante do século 17, os hartlibianos testemunharam as aspirações comuns a homens fascinados pelo conhecimento, insaciáveis pelo saber e incansáveis na luta por reformas que atingissem, quiçá, o mundo da época, a partir de uma Inglaterra renovada espiritualmente e intelectualmente.

De fato, o grupo de Hartlib representou uma parte importante da força sociocultural que tencionava implantar, bem no auge do puritanismo (1640–1660), a reforma inglesa a partir dos pressupostos protestantes destinados a coparticipar da nova moldura intelectual e dos novos sustentáculos da formulação do conhecimento que visavam o desenvolvimento do novo conceito de educação, ciência e sociedade.

Como protestantes, os hartlibianos viam na harmonia entre religião e educação, e entre fé e ciência, a real possibilidade de promover as desejadas melhorias sociais e econômicas que renovariam a Inglaterra a partir de uma visão cristã de mundo. Para isso elaboraram um programa que, não obstante ter obtido sucesso apenas no interregno inglês, enfrentou, por exemplo, os ditames aristotélicos e escolásticos presentes na educação e na ciência em meados do século 17, tendo, deste modo, revolucionado e viabilizado o experimento e a técnica no ambiente universitário.

Com efeito, uma breve observação dos esforços empreendidos pelos hartlibianos, como se julga minimamente oferecer a seguir, parece proporcionar a rediscussão acerca da contribuição dada pelo protestantismo à prossecução do desenvolvimento educacional e da aplicabilidade da nova ciência na Inglaterra a partir de 1662, mais especificamente quando se tem em vista as atividades da recém fundada Royal Society de Londres.

1. O ANSEIO INGLÊS PELA REFORMA COMPLETA

1.1 *O anseio geral*

Desde o transcurso do governo Tudor, a Inglaterra assistira ao constante processo ideológico de centralização – centralização do estado, da Igreja, da economia, da riqueza, da saúde, da educação, etc. Contudo, religiosos, parlamentares, membros da representação rural e da classe burguesa, bem como muitos pensadores, políticos e demais adeptos da causa reformista, desejavam a inversão desse processo a partir da descentralização da monarquia e de um novo encaminhamento das questões sociais vigentes.

A partir da década de 1640, especialmente com as atuações oposicionistas do Longo Parlamento e de Oliver Cromwell perante a monarquia e o governo de Charles I, intensas reivindicações sociais, eclesiásticas, políticas e econômicas se fizeram presente na nação inglesa, notadamente entre grupos radicais e simpatizantes da reforma geral, a fim de combater significativamente

a estagnação dos condados, das cidades, das igrejas, do comércio, da saúde, da educação, etc.

Envolvidos com os grupos defensores dos ideais reformistas, muitos protestantes – desde presbiterianos, erastianos e anglicanos não-prelatícios até os independentes e a ala esquerda destes últimos (quacres, batistas, partidários da Quinta Monarquia)¹ – atraídos por singulares valores da Reforma Protestante (como a ênfase no sacerdócio dos crentes e a regeneração teológica, litúrgica, intelectual e ética), além de se oporem à atuação da Igreja nacional e ao sistema educacional da época, anelavam pela redistribuição dos recursos entesourados, a designação para as igrejas de ministros úteis e piedosos e a criação de instituições municipais, de asilos e de escolas locais.²

Mas as vozes que evocavam o espírito reformista na década de 1640 ecoavam também, sob o ponto de vista educacional e filosófico, as ideias de Francis Bacon, as quais instilavam o desejo pelas reformas múltiplas e a ruptura com a filosofia de Aristóteles, uma vez que Bacon havia desprezado a Antiguidade e seus filósofos.³ Como se sabe, a Inglaterra seiscentista foi marcada pelo anelo de resgatar o sabor da filosofia natural, da natureza e das coisas, da experiência, dos corpos, enfim, de tudo o que havia se perdido desde que “a filosofia se voltou ela própria para o mundo interior em vez de para a natureza, para problemas de caráter moral e linguístico, abandonando a pesquisa severa das coisas naturais”.⁴

Como defensor da observação, da experiência e do estado laico, Bacon desejava reconstruir as universidades longe dos moldes aristotélicos, introduzir no ensino as ciências naturais, desenvolver a educação elementar, descentralizar a religião, levando-a aos cantos mais esquecidos do reino, descentralizar a assistência médica por meio da proliferação de hospitais regionais e redistribuir a riqueza através da indústria e do comércio.⁵

A Inglaterra do século 17 anelava intensamente por uma reforma geral e completa – do Estado, da Igreja nacional, da educação, da religião, da filosofia, etc. –, uma reforma que colocava os olhos no futuro e na possibilidade de o país trilhar novos caminhos rumo ao avanço do conhecimento e da melhoria das condições sociais.⁶

¹ HOOYKAAS, Reijer. *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 176.

² TREVOR-ROPER, Hugh R. *Religião, reforma e transformação social*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1981, p. 180.

³ Paolo Rossi ressalta que Bacon, ao fazer uso do Evangelho de João (5.43), aproximava a figura de Aristóteles à do anticristo. ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da revolução científica*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 26.

⁴ Ibid., p. 26-27.

⁵ TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 182.

⁶ ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: a ideia de progresso*. São Paulo: Unesp, 2000, p. 62-63.

Não se deve entender, no entanto, que apenas parlamentares e burgueses alinhados com a dinâmica resultante do discurso protestante associado à filosofia de Bacon se ressentiam da centralização imposta pela mentalidade governista. Muito menos se deve atribuir a exclusividade do anseio e das investidas reformistas a determinado grupo, fosse este religioso, ideológico ou político. Na verdade, deve-se observar que a Inglaterra respirava uma ampla esfera de instabilidade e insatisfação social, religiosa e política, que resultava em agudos conflitos entre homens rurais e fidalgos, entre parlamentares e a monarquia, entre conformistas e não-conformistas, etc. Por meio dessa instabilidade, deu-se a formação de muitos grupos radicais, cada um com sua base ideológica e política, como os Diggers, os Ranters, os Levellers, os Pentamonarquistas, etc., os quais, igualmente ansiosos por uma emergente reforma na sociedade, propunham diferentes soluções políticas e econômicas que acabavam incendiando ainda mais as demandas sociais.⁷

De igual modo, não se deve ter em mente que os reformistas do Parlamento se mostravam unânimes e somente interessados em dedicar seus esforços às causas da Igreja, como a implantação da reforma teológica e litúrgica de cunho calvinista⁸ e das ideias milenaristas sobre a Nova Jerusalém. Muitos dentre os parlamentares estavam mais interessados nos projetos reformistas como um urgente e prioritário auxílio para corrigir, tanto quanto possível, os males financeiros e sociais do país.

1.2 O anseio protestante

Em que pese a relevância e as motivações de outros fatores sociais e econômicos, há de se considerar que a efervescência protestante da década de 1640 igualmente impulsionou e promoveu o espírito reformista, tornando-se uma importante força sociocultural na tentativa de implantar a reforma inglesa. Primeiro porque, no que se refere à nova moldura intelectual e aos sustentáculos da formulação do conhecimento, o protestantismo participou diretamente do desenvolvimento do novo conceito de ciência e de educação ao marcar a transição das ideias aristotélicas e escolásticas sobre filosofia natural e educação para as ideias pioneiras de Bacon e de Comenius, as quais destacavam a observação e a ênfase na experiência.⁹ Segundo, por conta da contundente e conjugada oposição que a ala puritana interpôs aos desvios doutrinários difun-

⁷ HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 30.

⁸ Hooykaas comenta que enquanto no período elisabetano existiam muitos calvinistas não-puritanos, durante a Commonwealth algumas seitas de esquerda não defendiam uma teologia calvinista. HOOYKAAS, *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*, p. 176-177.

⁹ WEBSTER, Charles. *Samuel Hartlib and the Advancement of Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 7.

didos pelo arcebispo William Laud.¹⁰ Terceiro, em razão dos questionamentos e críticas que suscitava em relação ao sistema de governo eclesiástico episcopal da Igreja nacional, o qual nutria fortes vínculos político-institucionais com a monarquia.¹¹

1.2.1 Aspectos sociorreligiosos

O protestantismo ocupou um papel sociorreligioso singular na aspiração inglesa por uma reforma geral a partir da crise da Igreja da Inglaterra. Com efeito, a crise prelatícia inglesa deve ser observada a partir da relação que o anglicanismo¹² mantinha com a realeza. As prerrogativas do rei preconizadas no *Ato de Supremacia*, que no sistema episcopal¹³ fazia do soberano o cabeça da Igreja e dava-lhe autoridade sobre as questões doutrinárias e sobre a ordem e a disciplina eclesiástica, possibilitaram aos monarcas conduzir, desde Henrique VIII, as mudanças constitucionais da Igreja. Tal condição, associada a

¹⁰ Sobre a insatisfação gerada pelas doutrinas de William Laud, Morrill destaca a incerteza de se poder descrever plenamente como e em que medida a doutrina da graça de Laud afastou-se da herança calvinista cultivada por sucessivas gerações de bispos e teólogos desde 1559. Sabe-se que Laud assumiu a crença de que o homem, moral e intelectualmente depravado, só poderia ser reconciliado com Deus a partir da graça de uma fé salvadora, acrescida da graça sacramental mediada pela igreja. Deste modo, o programa de Charles e Laud se tornou profundamente ofensivo para a maioria dos leigos e muito clérigos. Tudo indica que Laud se baseou numa aplicação literal das observâncias e práticas do Livro de Oração Comum. MORRILL, John. "The Religious Context of the English Civil War". *Transactions of the Royal Historical Society* 34 (1984), p. 163.

¹¹ Por exemplo, a maioria dos puritanos radicais opunha-se à forma de governo episcopal da Igreja da Inglaterra. Afirmava que os bispos, nos moldes do anglicanismo da época, eram uma invenção à parte do que a Bíblia ensinava, uma vez que, no sistema episcopal, prevalecia a aliança entre os bispos e a coroa, que garantia que tanto os clérigos como os reis exercessem suas funções por direito divino. Dentre os puritanos moderados, dizia-se que a Bíblia indicava diversas formas de governo da igreja e, portanto, o episcopado poderia ser mantido desde que voltasse à ortodoxia bíblico-reformada, como fora nos dias de Crammer, Ridley, Hooper, Latimer e Jewell. GONZÁLEZ, Justo L. *História do pensamento cristão*. 3 vol. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 277-278.

¹² O rei Henrique VIII introduziu uma revolução político-eclesiástica em solo inglês quando rompeu, em 1534, com a Igreja Católica e organizou a Igreja da Inglaterra, também conhecida como Igreja Anglicana, da qual tornou-se chefe supremo e passou a governá-la por meio do episcopado, que contava, ao menos inicialmente, com fortes tendências ao protestantismo reformado. Vale observar que o rei não era essencialmente afeiçoado ao protestantismo, mas, aproveitando-se igualmente da esfera em que muitos criam e desejavam reformar a Igreja, Henrique VIII fez de Tomás Cranmer um dos principais propulsores da reforma da Igreja, o arcebispo de Cantuária, responsável, portanto, por encabeçar o prelado. NOLL, Mark A. *Momentos decisivos na história do cristianismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 182-204.

¹³ Alguns protestantes insistiam que a Igreja deveria ser governada por meio de presbitérios. Outros afirmavam ainda a independência de cada congregação, passando a ser chamados de independentes. Todavia, ainda que houvesse a divergência quanto à forma de governo da Igreja, os protestantes oriundos das mais variadas denominações que compuseram a Assembleia de Westminster inspiravam-se teologicamente nas ideias de Calvino, Zuínglio e dos demais reformadores suíços. GONZÁLEZ, *História do pensamento cristão*, vol. 3, p. 278.

uma hierarquia aristocrática, transformou-se, aos poucos, em um instrumento de repressão e restrição tanto da liberdade religiosa quanto da liberdade civil do povo.

Assim, por meio de contínuas insatisfações, a gradual luta entre grupos protestantes e a corte acabou tornando-se mais intensa a partir do período do reinado de James I e, principalmente, de Charles I.¹⁴ A conjugação de fatores como o abandono, por parte de William Laud, do calvinismo dos fundadores da Igreja,¹⁵ a repressão para com todo dissentimento, a inexistência de liberdade religiosa, a afluência de medidas arbitrárias, os constantes atos de violência promovidos pela monarquia e, por fim, o governo autônomo de Charles I, sem convocar o Parlamento,¹⁶ resultou em uma intensa e crescente insatisfação por parte do povo, da burguesia, da classe rural, dos parlamentares, dos puritanos e demais radicais.¹⁷

Porém, forçado pelas condições financeiras que afetavam o reino,¹⁸ Charles I teve que convocar o Parlamento, em novembro de 1640, após onze anos sem nenhuma convocação ordinária. Sem prever as consequências futuras para o seu governo e, conseqüentemente, para a Igreja do Estado,¹⁹ tal medida

¹⁴ GONZÁLEZ, *História do pensamento cristão*, vol. 3, p. 281. HULSE, Erroll. *Quem foram os puritanos?* São Paulo: PES, 2004, p. 58.

¹⁵ A Igreja da Inglaterra contou, inicialmente, com reformadores como Cranmer, Ridley, Hooper, Latimer e Jewell. Eram homens apegados à teologia calvinista e em plena harmonia e correspondência com teólogos e pastores genebrinos e germânicos. Disso são prova os seus escritos registrados nos *Quarenta e Dois Artigos* de Eduardo VI (1551), os artigos de doutrina da Igreja da Inglaterra (1562) e ainda os Artigos de Lambeth, concebidos pelo arcebispo Whitgift (1595). HODGE, A. A. *Confissão de Fé Westminster comentada por A. A. Hodge*. São Paulo: Os Puritanos, 1999, p. 39; HOOYKAAS, *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*, p. 175.

¹⁶ Charles I governou a Inglaterra sem o Parlamento de 1629 a 1640. A administração do país foi mantida através da corte e dos condados, enquanto o poder político encontrava-se, principalmente, nas mãos de 60 nobres, fidalgos e aristocratas ricos que eram donos de muitas terras. HULSE, *Quem foram os puritanos?*, p. 59.

¹⁷ HODGE, *Confissão de Fé Westminster*, p. 40.

¹⁸ Com a intenção de obter recursos financeiros, Charles I fazia concessões aos poderosos. Outrosim, as poucas medidas de ordem social, política e econômica impetradas pelo rei causavam também a crescente insatisfação da classe rural e burguesa. Assim, cada vez mais nas regiões com potencial comercial e industrial, o rei e os bispos, que respaldavam sua causa dando-lhe aquiescência religiosa, eram vistos como adversários e inimigos do povo. GONZÁLEZ, *História do pensamento cristão*, 3 vol., p. 282.

¹⁹ Comentando a intervenção direta do Parlamento na atuação de Charles I e do arcebispo Laud, Morrill ressalta que a anulação dos cânones de convocação (cânones que davam plena força ao programa de Laud) foi a primeira conquista positiva realizada pelos parlamentários. Nesse processo, Laud foi acusado de promover heresias que davam arrimo às ações arbitrárias do rei, bem como de abusar da sua própria jurisdição e de outros tribunais para impor ilegal observância ao silêncio dos professores da verdadeira religião. MORRILL, "The Religious Context of the English Civil War". *Transactions of the Royal Historical Society*, p. 164.

do rei resultou, a partir do ano seguinte, no fato histórico-político que se tornou conhecido como o Longo Parlamento.

Uma das primeiras medidas do Longo Parlamento foi abolir a *Corte da Alta Comissão* e a *Star Chamber*, e, em novembro de 1642, com intenção de reformar o sistema de administração eclesiástica, ordenou “que, depois de 5 de novembro de 1643, o ofício de arcebispo e de bispo e toda a estrutura do governo do prelado fossem abolidos”.²⁰

Um dos atos mais significativos do Parlamento, na tentativa de reformar a Igreja e, conseqüentemente, promover a pureza bíblica e a simplificação litúrgica contra as divergências teológicas e eclesiásticas encontradas no sistema episcopal, foi a sanção, em 12 de junho de 1643, do decreto conhecido como *Convocação dos Lordes e Comuns do Parlamento*. Tal decreto resultou na conhecida *Assembleia de Teólogos de Westminster*,²¹ que se reuniu de 1º de julho de 1643 a 22 de fevereiro de 1648, da qual, inclusive, participaram alguns puritanos²² que integravam o grupo de Hartlib, como John Dury, Thomas Goodwin, Jeremiah Burroughes e Philip Nye.²³ Nesse caso, o propósito do Parlamento em reunir uma assembleia de caráter exclusivamente religioso visava a estabelecer o novo governo e liturgia da Igreja da Inglaterra, bem como purificar sua doutrina por meio da composição de uma confissão de fé que exprimisse a base teológica calvinista.²⁴

Deve-se ter em mente também que, ainda sob o viés religioso, a Inglaterra seiscentista respirava ares que igualmente renovavam as esperanças de paz e felicidade mundial proporcionadas pela expectativa milenarista. O sonho da humanidade de voltar ao domínio sobre a natureza e ao livre relacionamento com a criação – como fora no molde edênico, antes da queda –, bem como desfrutar

²⁰ HODGE, *Confissão de Fé de Westminster*, p. 41.

²¹ Integraram a lista dos participantes da Assembleia de Westminster 10 Lordes, 20 membros da Câmara dos Comuns e 121 teólogos, dentre os episcopais, independentes, presbiterianos e erastianos. Todos, não obstante divergirem quanto à forma de governo da Igreja, apresentaram a teologia calvinista em todos os documentos solicitados pelo Parlamento para que escrevessem, a saber: a *Confissão de Fé*, o *Catecismo Maior*, o *Breve Catecismo* e o *Diretório do Culto Público*. HODGE, *Confissão de Fé Westminster*, p. 41. HULSE, *Quem foram os puritanos?*, p. 66.

²² Apesar de haver puritanos no grupo de Hartlib, parece incorrer em certo exagero a ideia de que, como afirma Trevor-Roper, Comenius, Hartlib e Dury foram “os filósofos da revolução puritana”. TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 177. De fato, tudo leva a crer que Dury, por compor uma das cadeiras da Assembleia de Teólogos de Westminster, fosse fortemente vinculado aos calvinistas puritanos. Todavia, afigura-se certa impropriedade atribuir tal rótulo a Comenius e, provavelmente, a Hartlib. HOOYKAAS, *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*, p. 178.

²³ WEBSTER, Charles. *Samuel Hartlib and the Advancement of Learning*, p. 39; HODGE, *Confissão de Fé Westminster*, p. 42; HULSE, *Quem foram os puritanos?*, p. 102-103.

²⁴ A comissão responsável por elaborar e organizar as principais proposições calvinistas da *Confissão de Fé de Westminster* era encabeçada por nomes como Dr. Hoyle, Dr. Gouge e Srs. Herle, Gataker, Tuckney, Reynolds e Vines. HODGE, *Confissão de Fé Westminster*, p. 43.

da paz da Nova Jerusalém e da prosperidade e justiça social do reino messiânico, era fortemente encorajado entre os protestantes através dos sermões escatológicos pregados em inúmeros púlpitos e reuniões. Diversos escritos e pregações, como as de John Stoughton, Jeremiah Burroughes e John Dury,²⁵ proliferaram no país e passaram a nutrir uma esfera de esperança, conforto e “segurança de que a catastrófica destruição da Guerra dos Trinta Anos poderia chegar ao fim com a queda da Babilônia e o estabelecimento do estado milenar”.²⁶

A assimilação e divulgação de textos bíblicos apocalípticos que apontam para a restauração do reino de Deus e do estado da graça e justiça eterna emolduraram e fortaleceram a esperança de que uma nova era estava a caminho. Um tempo não apenas de paz com o fim das guerras, mas de plena harmonia entre as coisas da terra e as celestes, em que o conhecimento das coisas terrenas e físicas estaria em plena sintonia com o conhecimento e a verdade divina. Esse período de ouro era intensamente desejado por conta dos inúmeros conflitos religiosos, da beligerância entre os reis e monarquias, das injustiças sociais e do desejo de libertar-se das amarras e erros filosóficos e teológicos. Um tempo milenar que deveria ser abreviado pelas conquistas simultâneas do conhecimento da natureza, do conhecimento universal, da paz entre os protestantes e da conversão dos judeus – conquistas que antecederiam e acelerariam o milênio por meio da incipiente harmonia entre Deus e o homem, entre as nações e entre os reinos.²⁷

Desse modo, inúmeros estudos e pregações escatológicas dos evangelhos, do Apocalipse e do livro de Daniel sedimentaram o cenário inglês da esperança em acelerar a vinda do reino milenar de Cristo. Baseados nas profecias de Daniel, muitos protestantes empenhavam-se na renovação intelectual e espiritual, sob a esperança de que as palavras do profeta estavam se cumprindo em seus dias: “Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará” (12.4).

Assim, o livro de Daniel era aplicado às vicissitudes e mazelas promovidas pela Guerra dos Trinta Anos, com vistas a decifrar o tempo do fim, a vinda da bonança, da paz, da multiplicação do saber e do conhecimento, em que o acúmulo do saber universal tornaria clara e manifesta evidência de que o período milenar estaria se aproximando.

Tal anseio pelo saber e pela busca da renovação do conhecimento e da filosofia natural transcendeu, evidentemente, os limites da Inglaterra, pois, no

²⁵ TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 196-200.

²⁶ WEBSTER, Charles. *The Great Instauration: Science, Medicine and Reform 1626-1660*. Oxford: Peter Lang, 2002, p. 17.

²⁷ Para saber mais sobre algumas das correntes milenaristas na Inglaterra do século 17, ver artigo: Milenarismo e ciência no Via Lucis de Jan Amos Comenius. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/view/26098>.

século 17, a aspiração pelo renascimento intelectual espalhou-se pela Europa por conta do avanço na comunicação, uma vez que, na sequência das melhorias promovidas pelas artes e pela técnica, “se dava a ascensão da filosofia experimental e, de acordo com a profecia de Daniel, a comunicação tinha sido melhorada em todos os aspectos, criando assim as condições para o aumento sensível do conhecimento”.²⁸

1.2.2 Aspectos socioculturais

Ao mesmo tempo em que, sob o ponto de vista religioso e ético, diversas denominações protestantes insurgiram-se com a esperança de promover o sucesso conclusivo na reforma da Igreja, filosoficamente o protestantismo associava-se ao baconismo, por entender que este oferecia a base teórica para vindicar e estabelecer a reforma na educação e, conseqüentemente, na ciência. Os escritos de Bacon assumiram uma influência quase canônica para clérigos protestantes como Stoughton, Hakewill e Twisse,²⁹ este último nomeado pelo Parlamento para ser o primeiro moderador ou presidente da Assembleia de Westminster.³⁰ Tal influência fez com que Bacon se tornasse a mais importante autoridade filosófica e científica para os protestantes, a ponto de o avanço da piedade e da fé reformada estar ligado coexistentemente com o avanço do aprendizado e do conhecimento.

Os protestantes buscaram a liberdade e, ao mesmo tempo, o dever de relacionar a fé cristã às questões culturais e sociais. A partir dos pressupostos bíblicos, eles articulavam de forma monolítica e unificada ideias sobre religião, sociedade e mundo natural com vistas à glória de Deus. No caso da nova filosofia, enxergavam a ciência como um meio para a glorificação de Deus, pois ela deveria estar a serviço do Criador e, ao mesmo tempo, da sociedade, na medida em que a nova ciência (que viria ser chamada posteriormente de ciência moderna) era vista como um caminho para o bem social, sobretudo em relação aos esforços que deveriam engendrar em favor dos fins utilitários.

Com efeito, os protestantes relutavam contra as antigas autoridades intelectuais, sobretudo no tocante à maneira grega de ver o mundo, a natureza, o Universo, a existência humana e, especialmente, o Criador. Assim, confrontando o contexto intelectual e social de seus dias, eles se tornaram grandes defensores da ciência e da nova filosofia nela contida, insuflando um clima fértil, no século 17, para os seus desdobramentos e evoluções no campo do saber, bem como para a aplicação e transformação do conhecimento.³¹

²⁸ WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 19.

²⁹ *Ibid.*, p. 25.

³⁰ HODGE, *Confissão de Fé Westminster*, p. 42.

³¹ HOOYKAAS, *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*, p. 179-182.

Com o crivo firme na ortodoxia bíblica, o protestantismo na Inglaterra tornou-se interessado em explorar e difundir as novas ideias, desde que estas correspondessem às suas premissas teológicas. Comprometeu-se com o ideal da reforma geral da sociedade inglesa com uma nova modelagem intelectual, oriunda do avivamento e da renovação espiritual, a ponto de “não deixar dúvidas de que, ao impulsionar o conhecimento na direção de novas fronteiras, os seus integrantes estavam convencidos de que sua missão fora santificada pelo Deus de Israel”.³²

Em outras palavras, pode-se dizer que o protestantismo foi marcado pelo singular esforço em buscar reorientar as questões socioculturais de sua época e dedicar especial atenção aos assuntos voltados à educação, à ciência e às artes por meio da sua capacidade em articular as questões de fé com as demandas sociais. Assim, relacionava seus dogmas à busca de um novo método educacional e do conhecimento do mundo natural, objetivando extrair o máximo do aproveitamento dos recursos e habilidades humanas.

Tal visão de fé aplicada ao mundo físico e à sociedade fez com que os protestantes, a partir do princípio bíblico de vocação e sacerdócio universal, se concentrassem no desenvolvimento do serviço e do bem público como expressão sincera e prática da devoção que prestavam a Deus. Por meio da consagração de esforços com vistas ao louvor do Criador, seus adeptos mostraram-se insatisfeitos com os padrões sociais e filosóficos anteriores. Colocavam-se dispostos a alcançar novas alternativas que tangessem o aprimoramento da educação e a busca da melhoria social através do desenvolvimento de uma ciência utilitária, originada do avanço científico associado à valorização das virtudes do trabalho manual.

Por ser também crítico dos ditames escolásticos e, ao mesmo tempo, inclinado ao avivamento intelectual e ao desenvolvimento da ordem material, o protestantismo contribuiu para semear uma atmosfera favorável à troca de conhecimentos, ideias e destrezas entre classes sociais. Isso ajudou a cultivar a produção intelectual e a união entre artesãos e homens de ciência, que acabaram cooperando com a criação de novas técnicas e áreas do conhecimento, como a agricultura e aquilo que viria ser, posteriormente, a química, e a metalurgia.³³

Desse modo, o protestantismo, muito mais do que preocupado em apenas desenvolver uma nova ética, estava interessado em romper com qualquer perspectiva passiva perante a natureza e as questões sociais e culturais. Pelo fato de relacionarem e articularem suas ideias em um campo unificado do conhecimento, ou seja, nas Escrituras, e terem como objetivo principal promover a glória de Deus em todas as esferas do saber, do fazer e do relacionamento

³² WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 15.

³³ WEBSTER, “Conclusions to The Great Instauration”, apud COHEN, I. B., *Puritanism and the Rise of Modern Science*, p. 280-283.

humano, os protestantes viam-se responsabilizados em testemunhar o poder, a sabedoria e a graça de Deus em todas as áreas. Em termos práticos e científicos, isso se daria através do acúmulo do conhecimento e por meio da busca da verdade impingida nas obras da criação, as quais, potencializadas por meio das ciências e das artes, deveriam abençoar a humanidade e favorecer o seu desenvolvimento social e bem-estar.

Assim, o fervor pelos novos acontecimentos e pela nova dispensação do saber ocupou um caráter singular na Inglaterra seiscentista. De um modo particular, a associação do ideário protestante ao ideal baconiano da divulgação do conhecimento fomentou a expectativa de que o país recebera a capacitação e a honra divina de hastear o estandarte da verdade e do conhecimento ao mundo.³⁴

Fatores como a atuação do Longo Parlamento, o puritanismo, os apoios da ala burguesa e da classe rural, a paz com a Escócia, em 1641, e o surgimento da liderança de Cromwell, etc. parecem ter assinalado de modo especial a esperança da abertura para o tratamento dos males da Inglaterra e o início de uma nova era de reforma completa, devidamente instilada pelas novas ideias. Exemplo disso é o impacto de Comenius ao se deparar com a efervescência puritana, como se observa na carta, coletada por Robert F. Young, que Comenius escreve de Londres, em outubro de 1641, relatando aos amigos na Polônia a primeira impressão que tivera do país:

Este canto do mundo em muito difere dos outros países e é digno de admiração. O que mais me interessou foram as questões relativas à glória de Deus e o florescimento do estado das igrejas e das escolas (...). O anseio com que uma multidão de pessoas se dirige ao culto aos domingos é inacreditável. Londres tem 120 igrejas e, em todas que eu visitei, posso afirmar como um fato insofismável, há tanta gente que não há espaço suficiente para todos. Um grande número de homens e jovens copiam os sermões com suas canetas. Há cerca de 30 anos, no reinado do rei James, eles descobriram uma arte que agora é moda até entre os camponeses, ou seja, a arte da escrita rápida, a qual eles chamam de estenografia (...). Quase todos aprendem a arte da escrita rápida assim que aprendem a ler na escola as Escrituras no vernáculo (...). Eles têm um número enorme de livros sobre todos os assuntos em seu próprio idioma (...). Realmente não existem mais livrarias em Francfort na época da feira do que há aqui todos os dias. A obra de Bacon *De Scientiarum Augmentis* apareceu recentemente em inglês. Eles estão ansiosamente debatendo sobre a reforma das escolas em todo o reino de uma forma semelhante à que, como vocês sabem, meus desejos tendem, ou seja, que todos os jovens devem ser, sem negligência, instruídos.³⁵

³⁴ COMENIUS, John A. *The Way of Light*. Liverpool: The University Press London, 1938, p. 172-173.

³⁵ YOUNG, Robert F. *Comenius in England*. Oxford: Oxford University Press; London: H. Milford, 1932, p. 65.

No início da década de 1640, os temores do passado pareciam ter-se convertido na esperança de alcançar, em um futuro próximo, a prosperidade cultural e social. Os recursos materiais e humanos para alavancar as mudanças necessárias ganhavam novas disposições e muitos se colocaram como promotores da nova educação e da nova ciência a partir da produção, do avanço e da difusão do conhecimento. Criou-se, assim, uma esfera de otimismo, em que homens de ciência, teólogos, pensadores, parlamentares e eruditos estavam convictos de que a Inglaterra se tornaria, em breve, uma espécie de centro de concentração mundial da informação e da divulgação do conhecimento universal.

Entre esses homens encontravam-se os protestantes Samuel Hartlib (1600-1662), John Dury (1596-1680) e Jan Amos Comenius (1592-1670) que, como estrangeiros e refugiados da Guerra dos Trina Anos, haviam se apropriado dos princípios da Reforma Protestante para tentar alavancar os ditames da grande reforma inglesa a partir de um círculo fomentador do conhecimento.

2. OS HARTLIBIANOS

2.1 O Grupo de Hartlib

Hartlib, Dury e Comenius estavam convictos de que não poderia haver a mínima contradição entre fé e ciência, entre religião e educação, entre suas premissas teológicas e as ideias filosóficas sobre a natureza. Um exemplo disso é que eles acreditavam que a astronomia e a filosofia natural corroborariam de forma contundente as verdades básicas do cristianismo, como os dogmas da Criação e da Queda, os atributos comunicáveis de Deus, a revelação divina na natureza e as expectativas escatológicas. Além disso, viam na harmonia entre religião e ciência a real e emergente possibilidade de melhorias socioculturais e da formação de uma sociedade com fundamentos pautados na verdade e em uma visão cristã de mundo.³⁶

Em termos da cultura, da intelectualidade e da influência social protestante do século 17, há de se notar que Samuel Hartlib tornou-se um dos mais distintos estrangeiros a residirem na Inglaterra. Por meio de sua articulação, Hartlib ocupou um lugar central na vida intelectual inglesa durante a efervescência reformista, a ponto de o primeiro governador de Connecticut, John Winthrop, referir-se a ele como “The Great Intelligencer of Europe”.³⁷

Nascido em Elbing, na Prússia, Hartlib era de uma família com fortes vínculos com a Inglaterra. Sua mãe era inglesa e seu pai e avô ocuparam um importante papel comercial na Inglaterra (uma espécie de Comunidade de Comerciantes), com base em Danzing e Elbing. Entre 1625 e 1626, visitou a Inglaterra pela primeira vez, com vistas a completar seus estudos em

³⁶ WESTFALL, Richard S. *The Construction of Modern Science: Mechanisms and Mechanics*. London: Cambridge University Press, 1995, p. 32.

³⁷ “O grande intelectual da Europa”. WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 2.

Cambridge. Em solo inglês, ficou convencido de que o movimento de renovação espiritual oferecia a esfera ideal para o patronato, para a luz religiosa, bem como a simpatia necessária para que a ideia da nova educação fosse desenvolvida. Assim, em virtude dos dissabores da Guerra dos Trinta Anos, que muito dificultaram sua vida em Elbing, Hartlib decidiu retornar à Inglaterra em 1628, fixando moradia em Londres.

Residindo em Duke's Place, passou a corresponder-se com estrangeiros, a apoiar jovens acadêmicos e a hospedar pastores exilados. Assim, rapidamente familiarizou-se com as questões religiosas da Inglaterra e com reformadores intelectuais, o que lhe despertou ainda mais os esforços para coordenar suas aspirações de cunho sociorreligioso. Como fruto do seu envolvimento com as demandas socioeducacionais, assim que chegou à Inglaterra, Hartlib estabeleceu em Chichester uma pequena academia para a educação da pequena nobreza inglesa com vistas ao avanço da piedade, do aprendizado e do ensino, da moralidade e de outros exercícios de virtudes.³⁸

Hartlib acreditava no potencial do conhecimento útil e estava convicto de que o Estado progrediria nas reformas somente se engendrasses esforços na aplicação do mesmo. Entendia que seria a partir do acúmulo e organização do conhecimento e de informações de cunho econômico, mecânico, agrícola, etc. que as autoridades que presidiam os desígnios públicos deveriam almejar o desenvolvimento e o avanço do bem comum. Com isso em vista, Hartlib insistia que somente na Inglaterra ele teria a oportunidade de desempenhar a tarefa de reunir, divulgar, solicitar e coordenar as informações necessárias para articular o pensamento de Bacon em associação com os ideais protestantes.

Foi a partir dessa visão que Hartlib tornou-se um grande correspondente da Europa. Mantinha constante contato com pensadores ingleses e estrangeiros e colocava-se como intermediário das correspondências com os membros da dispersão protestante. Grande parte dos seus contatos e amizades enfatizava o zelo pela nova filosofia e o apoio pelo novo método do conhecimento, bem como cultivava a unidade protestante e a profecia apocalíptica.³⁹

Com vistas a divulgar e implantar a expressiva reforma na Inglaterra, Hartlib, com sua abissal faculdade articuladora, passou a organizar um círculo de pensadores que se tornaria conhecido como o grupo hartlibiano. Este grupo, composto por homens de ciência, políticos, teólogos e educadores que contavam com a admiração de grande parte do Parlamento inglês,⁴⁰ unia-se em torno do ideal reformista com seu característico anseio pelo conhecimento e divulgação universal da verdade.

³⁸ Ibid., p. 7.

³⁹ TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 187.

⁴⁰ HILL, *O mundo de ponta-cabeça*, p. 278.

Também conhecidos como o grupo de Hartlib, seus membros, em vez de comporem uma vertente de natureza política,⁴¹ tornaram-se, na verdade, mais dedicados em arregimentar, publicar e difundir o conhecimento entre os países da Europa a partir dos seus pressupostos ideológicos, não obstante contarem com expressivos subsídios de parlamentares simpatizantes da causa reformista.⁴²

Dentre os promotores e membros do círculo hartlibiano passaram a atuar, além de Comenius e Dury, nomes como Theodore Haak, Cyprian Kinner, Joachim Hübner, Thomas Goodwin, Jeremiah Burroughes e Philip Nye.⁴³ Além dos membros que compunham diretamente o círculo hartlibiano, outros nomes de expressão passaram a figurar como apoiadores e patronos dos esforços reformistas do grupo. Entre estes estavam membros do clero igualmente desejosos de ver mudanças e transformações sociais e a reforma da Igreja na Inglaterra, como John Williams, Ussher de Ermagh, Davenant de Salisbúria, Hall de Exeter e Morton de Durham, entre outros. Havia também a adesão de patronos e aliados diplomáticos, como Sir William Boswell e Sir Thomas Roe. Outros, dentre os parlamentares que forçaram o rei a convocar o Parlamento, em 1640, com vistas às mudanças e ao avanço da causa reformista. Dentre esses figuravam alguns protestantes como o conde de Pembroke, John Selden e Sir Benjamim Rudyerd; o conde Bedford, John Pym e Oliver St. John; o conde de Warwick, Lord Brooke, Lord Mandeville, Sir Nathaniel Rich, Sir Thomas Barrington e Sir John Clotworth. O sonho da nova Igreja, da nova educação, da nova ciência e da causa geral reformista era ainda apoiado por representantes da força rural, como Sir Justinian Isham de Lamport, Sir Chistopher Hatton de Holmby, Sir Cheney Culpeper de Leeds Castle e Nicholas Stoughton.⁴⁴

Certos pressupostos davam a tônica e emolduravam a identidade do grupo de Hartlib. Nesse aspecto, seus membros acreditavam que a renovação espiritual e intelectual protestante ofereceria as bases para se implantar a nova visão

⁴¹ Sobre a peculiaridade espiritual do grupo, Webster ressalta que, através de Hartlib e de seus amigos, a santificação na missão de propagar um programa social e religioso foi revigorada. Com esse propósito, o círculo de Hartlib operou mais como uma irmandade espiritual internacional do que como uma associação ou grupo político. WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 9.

⁴² WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 42-43. Em que pese o grupo de Hartlib não se configurar em um grupo político, aparenta certo exagero relacionar o interesse de seus membros apenas às causas práticas e religiosas. Tal impropriedade parece ficar mais evidente ao se considerar a provável motivação do ideário político-revolucionário encontrada entre alguns dos integrantes e apoiadores do grupo ligados ao puritanismo. Baskerville, ao referir-se ao puritanismo, entende que o mesmo não se constituiu simplesmente em uma afluência religiosa dissidente, cuja ebulição alastrou-se como um ‘subproduto accidental’ em conflito político, mas sim uma verdadeira ideologia política revolucionária. Ver: BASKERVILLE, S. K. “Puritans, Revisionists and the English Revolution”. *Huntington Library Quarterly* 61, nº 2 (1998), p. 154.

⁴³ WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 33.

⁴⁴ TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 190-191.

da religião e da sociedade. Por conta disso, pensavam na reforma do modelo educacional vigente como premissa para alcançar a reforma geral na Inglaterra, pois tinham em alta conta que a educação era o aspecto fundamental para se iniciar a completa reforma da religião, da cultura, da política, da economia e das demais demandas sociais e governamentais. Igualmente, seus membros e apoiadores figuravam nas fileiras daqueles que nutriam a expectativa de que a Inglaterra deveria ocupar o centro mundial da divulgação do conhecimento, bem como reunir a liderança protestante da Europa.

Os hartlibianos tinham como base filosófica o ideal de Bacon de dominar o conhecimento do mundo natural em busca da verdade, da transformação social e da divulgação do conhecimento universal. Nesse sentido, uniam-se na visão da Queda⁴⁵ e no aproveitamento amenizador potencializado pela filosofia natural, que, para eles, era um ofício sagrado no processo de restauração.⁴⁶ Também se uniam a Bacon acerca da relevância das Escrituras como fonte de revelação e orientação para o conhecimento e para a ciência, pois viam nos oráculos sagrados a legitimação bíblica para o desenvolvimento das potencialidades humanas.⁴⁷ Do mesmo modo, estavam convictos de que a ciência deveria orientar o aprimoramento das condições da vida humana, atribuindo uma vocação de forte cunho social à nova filosofia natural.⁴⁸

Enfim, a partir da associação entre suas premissas religiosas, seus ideais de fé, da visão filosófica que postulavam e do ideal da conquista do avanço social e do bem-estar público, Hartlib e seus amigos tencionavam atingir a revitalização do ensino e da saúde e ainda aumentar o nível de emprego da classe pobre. Num nível mais profundo de conquistas práticas e reais em favor da sociedade – e isso muito por conta da concepção protestante de liberdade cristã –, estavam ainda convictos do direito geral à liberdade. Desse modo, defendiam e evocavam a liberdade na religião, na comunicação, na imprensa e na consciência individual e coletiva, bem como incentivavam o livre comércio,

⁴⁵ O termo Queda refere-se à transgressão de Adão e Eva quando pecaram contra Deus (Gênesis 3). Por conta da desobediência, Deus sujeitou a terra aos efeitos deletérios do pecado. Logo, a partir da narrativa bíblica da Queda, tanto Bacon como os protestantes entendiam que as artes liberais, a filosofia natural e a ciência útil deveriam desempenhar o papel reparador de grande parte dos efeitos destrutivos do pecado. Desse modo, o avanço do conhecimento universal era visto como mandato de Deus, que outorgaria melhorias nas condições da vida humana. Ao usar o avanço do conhecimento para auxiliar a restauração do seu domínio sobre a criação no estágio pós-Queda, o ser humano aliviaria, em certa medida, o sofrimento originado pelo pecado. Ver: ROSSI, *A ciência e a filosofia dos modernos*, p. 79; ver também: PEARCEY, Nancy R. & THAXTON, Charles B. *A alma da ciência*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005, p. 37-38.

⁴⁶ BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. São Paulo: Editora Unesp, 2007, livro primeiro, p. 89.

⁴⁷ Ibid., p. 71.

⁴⁸ Ibid., livro segundo, p. 117.

a reforma do monopólio das práticas profissionais, a reorientação e socialização da medicina, da educação e da lei.⁴⁹ Um exemplo desse empenho era a intenção de levarem a cabo a ideia de Bacon de implantar o Colégio Universal, uma vez que este deveria favorecer e orientar as conquistas socioeducacionais, a começar pelos intercâmbios destinados à fomentação do saber e da produção utilitária das artes.⁵⁰

Portanto, a partir de pressupostos e esforços como esses, o grupo de Hartlib e seus apoiadores tencionavam promover um ambiente e ocasião favoráveis às inovações técnicas que pudessem desenvolver a mineração e a agricultura na Inglaterra, com vistas ao progresso do comércio e da indústria. Porém, para que isso ocorresse, era necessária a resolução prévia dos entraves religiosos e filosóficos, bem como o investimento adequado na nova ciência e nas artes utilitárias, a fim de que fossem viabilizadas gradativamente e conjuntamente as questões teóricas e práticas, as quais promoveriam o avanço e a conquista do desenvolvimento social, econômico e científico.

Hartlib e seus companheiros estavam cientes dos problemas sociorreligiosos que se apresentavam no país, que se interpunham como obstáculos para que a reforma na educação e a nova ciência fluíssem. Assim, era convicção do grupo que uma nova educação deveria aflorar com vistas a reorientar as demandas sociais e as controvérsias religiosas. Seus membros viam de modo inequívoco a educação como a chave para a reforma da religião e da sociedade. Ao mesmo tempo em que Hartlib afirmava que, por meio da institucionalização de um novo método educacional, seria preparado o caminho para a reforma da Igreja, do Estado e da implantação da tão desejada melhoria das condições de vida, Dury, de modo semelhante, dizia que sem a reforma do modelo de educação e ensino nas escolas seria impossível trazer qualquer espécie de reforma social, econômica, política e religiosa, com vistas à Commonwealth.⁵¹ Assim sendo, a nova educação pretendida pelos hartlibianos deveria, além de ocupar a gênese da solução dos entraves sociais, ser regida por princípios espirituais registrados nas Escrituras e pela prática de uma ciência baseada na experiência, uma vez que esses dois elementos seriam guias para o comportamento moral e para o bem-estar material.⁵²

Logo, motivados pelos princípios da fé protestante e com a proposta da nova educação sendo aplicados à cultura, à sociedade e à natureza, e igualmente animados pelo apoio recebido no início da década de 1640 de patronos e de parte da liderança política do país, Hartlib e seus companheiros estavam

⁴⁹ WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 41.

⁵⁰ COMENIUS, *The Way of Light*, p. 172.

⁵¹ WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 5.

⁵² WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 32-35.

convencidos de que a Inglaterra outorgava as condições favoráveis para uma especial dispensação que unisse fé cristã, filosofia natural e desenvolvimento social e econômico. Desse modo, para que tal dispensação fosse estabelecida e engendrasses os frutos esperados da reforma geral, o grupo e seus apoiadores não hesitavam em que a reforma de cunho filosófico-religioso na educação seria o ponto de partida para que outras reformas viessem a ser realizadas. Sobre isso, não tinham dúvidas de que ninguém melhor do que Comenius deveria aplicar seus princípios educacionais, a começar pela reforma das escolas da Inglaterra.

Como já foi mencionado, a Inglaterra seiscentista respirava de forma singular os ares da expectativa milenarista – ares que acabaram dando um fôlego especial ao programa reformista. Tal esperança foi particularmente nutrida e difundida durante mais de vinte anos pelos integrantes do grupo de Hartlib, uma vez que, no âmago do intenso anseio de seus membros pela reforma geral e pela “era da luz” residia a associação das fortes motivações messiânicas e milenaristas.⁵³

Dury, por exemplo, acreditava que era chegada a hora em que os protestantes poderiam trabalhar unidos pela expansão do reino de Deus e auxiliar os judeus no processo de conversão, sem o qual, como acreditava o próprio Hartlib, o mundo não poderia esperar a “era de ouro” e de felicidade universal.⁵⁴ Registrou parte de sua expectativa com a nova aurora de esperança e transformação social e religiosa em sua obra *Englands Thankfulness, or; An Humble Remembrance presented to the Committee for Religion in the High Court of Parliament* (“A gratidão da Inglaterra ou Uma humildade recordação apresentada à Comissão de Religião na Alta Corte do Parlamento”). Ali expôs que o objetivo de Deus era provocar o renascimento dos estados da Europa e reafirmou sua crença de que o reino de Cristo estava para chegar, a Babilônia para cair e que a igreja estava às vésperas das dores de parto ao contemplar o iminente retorno de Cristo. Animado com a convocação parlamentar para a realização da Assembleia de Westminster,⁵⁵ Dury passou a acreditar ainda

⁵³ Hartlib difundiu na Inglaterra, durante vinte anos, um programa de reforma social, religiosa e educacional que chegou a influenciar homens como Boyle e Petty. Esse programa, desenvolvido em meio à euforia escatológica que marcou o começo da década de 1640 e que contava com a bênção de certos líderes do Parlamento, contribuiu, segundo Hill, com o entusiasmo milenarista em criar a expectativa de que a utopia era iminente na Inglaterra. HILL, *O mundo de ponta-cabeça*, p. 279.

⁵⁴ Dury entendia que a chegada a Londres de Johann Stefan Rittangel era a forte evidência de que a reforma geral lograria seus frutos e que o caminho para a volta do Messias, face à conversão prévia dos judeus, seria definitivamente inaugurado. Rittangel, erudito professor de línguas orientais em Königsberg, vivera entre os judeus da Europa, Ásia e África durante vinte anos, tempo em que angariou sensível experiência para ser, agora em Londres, um instrumento de conversão dos mesmos ao cristianismo. TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 200.

⁵⁵ WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 39; HODGE, *Confissão de Fé Westminster*, p. 42; HULSE, *Quem foram os puritanos?*, p. 102-103.

mais que o Parlamento inglês seria como que uma parteira dessas mudanças e que os olhos das igrejas, especialmente algumas da comunidade germânica,⁵⁶ estavam fixos nos parlamentares ingleses da década de 1640.⁵⁷

Com isso em vista, o círculo hartlibiano acreditava que o tempo adequado para colocar em prática o projeto reformista havia chegado. Para seus membros, um sinal evidente da providência divina era a chegada à Inglaterra dos agentes essenciais da reforma a partir do início da década de 1640. Dury, por exemplo, havia mudado da Suécia para Londres a convite de Hartlib, enquanto que Comenius, que seria o responsável pela reforma educacional, acabaria chegando a Londres em 1641.

Com efeito, os dias que antecederam a chegada de Comenius foram marcados por um momento especial de esperança e de busca de renovação espiritual, educacional, filosófica e, conseqüentemente, de novas conquistas. Escrevendo a Hartlib em 7 de fevereiro de 1641, ou seja, pouco antes de mudar-se para Londres, Comenius deixa transparecer a euforia que contagiava seus planos em face ao iminente descortinar de um novo e promissor tempo de avanços na educação, no conhecimento e nas ciências, pois dizia:

Agora, com o prazer de cumprimentá-lo, uso a ocasião do relatório que chegou a nós, referente aos acontecimentos em seu país até dia 9 de janeiro. Peço incessantemente a Deus que o instrua com espírito de sabedoria, através do qual o teu bom discernimento não esteja indiferente a essas grandes oportunidades. O que nos impede de compartilhar nossos pensamentos e desejos em comum, anteriormente concebidos, nos quais meditamos até hoje? Ó amigos, ou é agora o momento certo, ou teremos que esperar um tempo escasso e apropriado, um tempo que seja capaz tanto para ouvir os conselhos como para alcançar os desejos do grande Verulano, os quais visavam um fruto feliz (...). Para este objetivo, sua Majestade pode, com facilidade, promover o seu início fornecendo simplesmente os meios. Meios pelos quais os trabalhos realizados por muitos, que estão com sucesso produzindo os desejados avanços no conhecimento e nas ciências, possam ser completados em sua totalidade, quer pela plenitude das recompensas, quer pelo prudente e sensato conselho, ou, finalmente, pelo compartilhar dos seus trabalhos.⁵⁸

Assim, contando com o incentivo e com a boa vontade do Parlamento em apoiar a proposta de reconstrução social e animado pela publicação de seu *Macaria* logo após um mês da chegada de Comenius a Londres, Hartlib não

⁵⁶ A referência às igrejas germânicas se dá por conta das esperanças nutridas pelas igrejas da região da Boêmia e da Morávia de que as pesarasas conseqüências advindas da Guerra dos Trinta Anos pudessem cessar a partir da inauguração de um novo tempo de paz e prosperidade no qual a Inglaterra, a partir do Parlamento, teria uma participação singular.

⁵⁷ TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 200.

⁵⁸ HARTLIB PAPERS, document [7/84/2A].

disfarçava seu entusiasmo quanto à possibilidade iminente de se iniciar a tão anelada reforma na Inglaterra, pois dizia:

Eis que agora vivemos, em vez de desolação, os reparos das violações antigas; em vez de confusão, o lançamento das bases para muitas gerações construírem em cima; em vez de temor, uma grande porta aberta, onde devemos nos manter firmes e totalmente dedicados em toda a abundância de paz e de verdade.⁵⁹

O próprio Parlamento esperava nomear uma comissão para examinar os esquemas de Hartlib, Dury e Comenius, tencionando promover um espaço adequado para o uso desse colegiado, que, por fim, deu-se inicialmente no Chelsea College, em Londres.⁶⁰

2.2 O “Office of Address”: a agência do avanço da aprendizagem universal

A associação das convicções teológicas do círculo de Hartlib à filosofia de Bacon e à pansofia de Comenius contribuiu para o fortalecimento do ideário de uma ciência útil, ou seja, uma ciência que correspondesse aos anseios de uma reforma social, cujo objetivo visasse o bem-comum.⁶¹

Logo, era da convicção do círculo de Hartlib que a compreensão ordenada de todas as coisas naturais e artificiais existentes no mundo deveria conduzir a ciência, dedicada à sociedade, a um fim mais proveitoso, como seriam as ciências para explorar as riquezas da terra ou voltadas à saúde.

Parece, portanto, que foi por meio desta convicção que se deu início ao abandono do conhecimento estritamente teórico – ou, como se dizia na época, mais “especulativo” – de alguns dos pensadores clássicos. Ao mesmo tempo, como afirmou Dury em suas obras *The Reformed School* (1650) e *Some Proposals* (1653), novos protagonistas do conhecimento passaram a ser selecionados em virtude de pressupostos mais práticos e menos especulativos.⁶²

⁵⁹ Ver: *Englands Thankfulness, or An Humble Remembrance Presented to the Committee for Religion in High Court of Parliament* (London 1642, p. 2 e 92). WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 35.

⁶⁰ Ibid., p. 36.

⁶¹ Em defesa do caráter útil da ciência, Bacon dizia: “O uso da história mecânica é de todos o mais primário e fundamental para a filosofia natural: para uma filosofia natural, isto é, que não se dissipe em vapores de especulação sutil, sublime ou deleitável, mas que seja operativa para o enriquecimento e benefício da vida humana; pois não só ministrará e sugerirá para o presente muitas práticas engenhosas em todas as indústrias, mediante a conexão e transferência das observações de uma arte à prática de outra (...), mas que, além disso, dará uma iluminação mais verdadeira e real sobre as causas e axiomas que até agora se alcançou”. BACON, *O progresso do conhecimento*, livro segundo, p. 117.

⁶² Webster baseia-se nessas obras de Dury para fazer tal afirmação. Ver: WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 54.

Comenius, Hartlib, Dury e demais membros do grupo eram altamente resistentes e críticos do sistema educacional existente, uma vez que este ainda seguia uma estrutura bastante escolástica, como presente nas universidades de Oxford e Cambridge. Assim, na contramão da situação vigente, os hartlibianos acreditavam que uma ciência cujos pressupostos incluíssem um lado mais prático e útil pudesse oferecer uma espécie de ponte entre a cultura intelectual e a artesã.

Com efeito, Comenius combatia, segundo ele mesmo afirmava, o retrógrado sistema educacional e o diminuto caráter experimental das universidades.⁶³ Defensor que era de um conhecimento que não excluísse um lado mais proveitoso, entendia que as universidades deveriam primar pelo caráter da inquestionável eficiência no ensino e no aproveitamento social.⁶⁴ Para ele, as universidades deveriam difundir o conhecimento universal e os frutos mais úteis da ciência, a partir do intercâmbio entre universidades dos mais diferentes lugares.⁶⁵

Com isso em mente, Comenius buscou, juntamente com Hartlib, dar início à realização do projeto do Colégio Universal, no qual seus membros deveriam se empenhar no exercício da filosofia baconiana e nas ideias comenianas com vistas, dentre outros objetivos, a promover a vocação social e prática da nova ciência. Nesse sentido, sobre o trabalho dos mestres do Colégio que teriam seu foco nas ciências, Comenius dizia:

Que o trabalho deles tenda a aprofundar cada vez mais os fundamentos das ciências para purificar e difundir entre o gênero humano, e com maior sucesso, a luz do saber, e para que as coisas humanas progridam com novas e utilíssimas invenções. De fato, quem não quiser trilhar sempre velhos caminhos, ou mesmo retroceder, precisará pensar no progresso das coisas iniciadas. Para isso, não é suficiente um homem ou uma época, mas é necessário que as obras empreendidas sejam continuadas por muitos, simultânea e sucessivamente. Tal Colégio Universal será para as outras escolas aquilo que o estômago é para os membros do corpo, ou seja, uma oficina vital que fornece sempre aos outros órgãos linfa, vida, força.⁶⁶

Vale ressaltar que a possibilidade de organizar o Colégio Universal foi determinante para que Comenius decidisse mudar-se para a Inglaterra, conforme convite feito por Hartlib. Na carta enviada a Hartlib, datada de 7 de fevereiro de 1641, ou seja, pouco tempo antes de sua ida para Londres, Comenius

⁶³ COMENIUS, *The Way of Light*, p. 162.

⁶⁴ COMENIUS, João A. *Didática Magna de Comenius*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 238.

⁶⁵ COMENIUS, *The Way of Light*, p. 167-177.

⁶⁶ COMENIUS, *Didática Magna*, p. 358-359.

expressava sua esperança em organizar o Colégio Universal naquela cidade, pois dizia ao amigo:

Reconhecemos a exigência de se ter um Colégio Universal, e estamos convencidos de que o mundo não pode prescindir dele por mais tempo, a não ser em seu detrimento (...). Se agora temos nas mãos o mais alto nível, o sétimo, da luz divina, que gradualmente é compartilhado com o mundo, então o destino encontrará o caminho adequado para fundar esse Colégio em algum lugar do mundo. Mas, seria o caso que isso fosse tirado da Inglaterra? (...). Então, finalmente, o Soberano Rei, mais sábio de seus Senhores, poderá coroar suas ações, caso desejem colocar este diadema, esta joia – o Colégio da Luz – em suas florescentes escolas, universidades, igrejas e conselhos.⁶⁷

De fato, a proposta inicial de Bacon sobre a implantação de um colégio dedicado ao livre e universal estudo das artes e da ciência sempre contagiou Comenius, especialmente por este acreditar que, por meio do Colégio Universal, a reforma educacional seria viabilizada, bem como as sementes para as ciências de eras futuras estariam sendo plantadas. Logo, Comenius estava convicto de que, na medida em que a associação da ideia do colégio de Bacon com suas ideias educacionais fosse levada adiante, não apenas a reforma educacional inglesa lograria êxito, mas a reforma universal da educação daria seus primeiros e determinantes passos. Foi com essa perspectiva que Comenius planejou pôr em ação a organização de um colégio pansófico central (*Collegium Lucis* ou Colégio da Luz, como também chegou a ser chamado), durante os meses em que ficou com Hartlib e seus colaboradores, entre 1641 e 1642, por entender que não havia melhor ocasião e lugar para iniciar seu plano.⁶⁸

Destarte, Comenius e os demais hartlibianos, que anelavam pela proposta comeniana de Reforma Universal,⁶⁹ esperavam organizar, em Londres, o

⁶⁷ HARTLIB PAPERS, ver documentos [7/84/2A], [7/84/2B], [7/84/3A], [7/84/3B]. Ademais, praticamente um ano antes de sua morte, em seu *Continuatio admonitionis fraternae de temperando charitate zelo ad S. Maresium* (1669), Comenius revelou a esperança que nutria de que o Colégio Universal fosse organizado no tempo em que esteve entre os hartlibianos, pois também escreveu: “Consequentemente, teria sido fundado, neste momento, o Colégio como o ilustre Bacon havia desejado, dedicado a todos os estudos sobre o mundo dos homens cujo zelo seria trazer acréscimos valorosos para a raça humana nas ciências e nas artes. YOUNG, *Comenius in England*, p. 36.

⁶⁸ Sobre a intenção dos hartlibianos em organizar o Colégio Universal, Narodowski ressaltava que Comenius não teve dúvidas em dirigir-se a Londres, em 1641, com a esperança de conseguir instalar o colégio pansófico, uma vez que muitos homens de letras e de ciências estavam imbuídos do propósito de fundar um colégio semelhante à “Casa de Salomão” (que Bacon havia planejado em sua *Nova Atlântida*), e, ainda, porque esse projeto parecia poder contar com o apoio do Parlamento no provimento dos fundos necessários. NARODOWSKI, Mariano. *Comenius e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 22.

⁶⁹ Tendo em vista que Comenius considerava a ciência como um organismo vivo de todos os conhecimentos, Cauly chega a afirmar que Hartlib e os demais membros do Colégio Invisível encontraram, no pensamento comeniano, os princípios éticos e científicos da sua própria atividade reformadora. CAULY, Olivier. *Comenius o pai da pedagogia moderna*. Lisboa: Piaget, 1995, p. 211.

Colégio Universal devidamente assistido por um colegiado de acadêmicos e pensadores envolvidos no empreendimento pansófico.⁷⁰ Todos os integrantes do Colégio deveriam se dispor a assimilar e a divulgar o máximo possível de cada esfera do conhecimento entre os sábios e eruditos de diversas partes da Europa e além-mar. Na esteira das ideias de Johann Heinrich Alsted (1588-1638), as contribuições dos acadêmicos e estudiosos deveriam resultar em um entendimento enciclopédico sobre o material do mundo. Seus esforços deveriam, ao mesmo tempo, corresponder ao anseio de Dury em promover as soluções para as controvérsias entre os protestantes, bem como assistir e orientar as bases da reforma da igreja e da educação inglesa.⁷¹

Mas deve-se ter em mente que além dos esforços em organizar o Colégio Universal, Comenius, no tempo em que esteve em Londres, escreveu e entregou aos hartlibianos seus estudos que visavam alcançar a Reforma Universal, ou seja, estudos que transcendiam as demandas e vicissitudes sociais, eclesiásticas e educacionais inglesas da época.⁷² Para esse propósito mais amplo, considerava que os primeiros passos desse programa pansófico se dariam a partir da tentativa de reformar a educação e as escolas da Inglaterra, como de fato pretendia fazer através da participação no grupo de Hartlib.

Entretanto, por conta das comoções políticas e dos sobressaltos da guerra civil de 1642, ocasião em que houve o choque entre as forças leais ao rei Charles I e as leais ao Parlamento,⁷³ Comenius não conseguiu publicar seus estudos enquanto esteve na Inglaterra. Com efeito, somente em 1668 conseguiu publicá-los e, na ocasião, dedicou-os, cheio de esperança, à Royal Society sob o título *Via Lucis*⁷⁴ – nome que havia dado na década de 1640, conforme

⁷⁰ COMENIUS, *The Way of Light*, p. 173-174.

⁷¹ WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 29. Ver também: WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 67-69.

⁷² As ideias de Comenius transcendiam as demandas educacionais na medida em que revelavam uma nova concepção sistemática e orgânica das ciências. Tudo indica que o saber pansófico, cujo objetivo mirava a instrução e a utilidade universal (*pancresia*) do conhecimento, legitimava as aspirações dos radicais por uma popularização do saber. CAULY, *Comenius o pai da pedagogia moderna*, p. 212.

⁷³ Em 4 de janeiro de 1642, o rei Charles I tentou, sem sucesso, investir contra a Câmara dos Comuns, a fim de prender seu líder, John Pym. Esse episódio serviu como prelúdio para a guerra civil, cuja primeira batalha entre as forças do rei e as do Parlamento teve lugar em Edgehill, em outubro de 1642. Também conhecida como a guerra entre os Royalists e os Roundheads, a mesma fora motivada por fortes questões político-religiosas. Ver: HULSE, *Quem foram os puritanos?*, p. 59-61; GONZÁLEZ, *História do pensamento cristão*, vol. 3, p. 288.

⁷⁴ Por meio do *Via Lucis*, Comenius desenvolveu aquilo que chamou de Pan-Harmonia, conceito no qual depositava a confiança de que se poderia atingir a Grande Reforma através da reunião e da organização dos livros universais, das escolas universais, do Colégio Universal (College) e da língua universal. Sobre o *Via Lucis*, Cauly defende a ideia de que era intenção do grupo de Hartlib apresentá-lo ao Parlamento, na década de 1640, como sendo a pedra de toque para a difusão do pensamento pansófico e o caminho para se alcançar a Reforma Universal a partir da Inglaterra. CAULY, *Comenius o pai da pedagogia moderna*, p. 234.

compartilhou com a própria Royal Society, ao escrever: “[Por causa da crise política] tive que ir embora deixando para trás parte dos meus estudos que havia escrito sob o título de *Via Lucis vestigata et vestiganda (The Way of Light, traced and to be traced)*”.⁷⁵

Com a intensificação dos conflitos entre a Coroa e o Parlamento, profundas divisões oriundas da guerra interromperam, ainda que por breve tempo, o zeloso projeto de reforma estabelecido em anos anteriores por Hartlib e seus companheiros. Com as vicissitudes da crise civil, o Parlamento voltou a atenção para as implicações e consequências da peleja, fazendo com que momentaneamente o grupo de Hartlib ficasse fragilizado em seus recursos e apoio e sensivelmente empobrecido pela saída inevitável de Dury e de Comenius⁷⁶ – embora Hartlib e Cheney Culpeper (1601-1663) alimentassem a esperança de que a beligerância fosse solucionada em breve.

Mas ainda que a aura do otimismo reformista tenha sido temporariamente anuviada pela guerra civil, o grupo de Hartlib conseguiu superar esse difícil período sem perder as esperanças quanto ao sonho da reforma geral. Com o Parlamento impondo-se sobre a monarquia em 1645, Hartlib, infelizmente sem poder contar com a presença de Comenius,⁷⁷ mas animado com o retorno de Dury e com a participação de Culpeper, recuperou fôlego tão logo o arrefecimento da agitação político-militar interna se iniciara. De fato, Dury, que retornara a Londres para em seguida assumir uma cadeira na Assembleia de Westminster,⁷⁸ e os outros integrantes do grupo voltaram a engendrar esforços com vistas à implantação da reforma geral inglesa até o final da década de 1660.

⁷⁵ COMENIUS, *The Way of Light*, p. 5D.

⁷⁶ Dury foi temporariamente servir como capelão de Maria, princesa do rei de Orange, enquanto que Comenius, em 21 de junho de 1642, contando com a aquiescência de seus patronos, Lord Brooke, John Pym e outros, deixou Londres ao aceitar o convite de Louis de Geer para introduzir a reforma escolar na Suécia. TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 202. Ver também: COVELLO, Sérgio C. *Comenius: a construção da pedagogia*. São Paulo: SEJAC Comenius, 1991, p. 58-59; WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 38.

⁷⁷ Era da intenção de Comenius retornar à Inglaterra tão logo a paz fosse restaurada no reino, o que, como se sabe, acabou não acontecendo, não obstante Comenius ter compartilhado posteriormente tal desejo com a Royal Society por meio das seguintes palavras: “Como se viu, as comoções políticas que se apossaram do país naquele período impediram os esquemas (pansóficos) de serem levados à realização e eu fui novamente enviado de volta, mas sob a promessa de não declinar da possibilidade de retornar, caso Deus restaurasse a paz”. COMENIUS, *The Way of Light*, p. 5D.

⁷⁸ Acerca do retorno de Dury à Inglaterra e ao grupo de Hartlib, Webster ressalta que Dury havia retornando gradualmente ao cenário inglês, em 1645. Em Londres, Dury tornou-se proeminente ao tomar parte ativa na Assembleia de Teólogos de Westminster. Também pregou perante o Parlamento, em 26 de novembro de 1645, um sermão intitulado: “Chamada a Israel para que Marche da Babilônia para Jerusalém”. Por meio desta exposição, Dury parece ter evocado o paralelo entre a Inglaterra e Israel – ou seja, duas sociedades destinadas a testemunhar, cada uma em sua época, a queda da Babilônia, uma vez que tinha no Parlamento inglês um símbolo escatológico da providência divina. Vide: WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 39.

Nesses dias mais favoráveis, o grupo de Hartlib recebeu significativa ajuda do protetorado de Oliver Cromwell,⁷⁹ que, como puritano, igualmente defendia e patrocinava o espírito e as reivindicações da reforma geral.⁸⁰ Contando com a empatia de Cromwell,⁸¹ os hartlibianos deram importantes passos durante parte do interregno inglês, sobretudo quando se tem em mente a produção religiosa e intelectual. Neste contexto, o grupo revigorou suas pretensões reformistas reavendo os ambiciosos planos que postulavam, dentre os quais, a retomada do Colégio Universal de Comenius, ainda que parcial, ocupava um lugar central.⁸²

Vale registrar que, mesmo com a saída de Comenius da Inglaterra, Hartlib e seus amigos continuaram a divulgar as ideias comenianas sobre a reforma educacional.⁸³ Exemplo disso é que enquanto se dedicavam ao desenvolvimento das bases do Colégio, divulgavam, ao mesmo tempo, o conteúdo da obra comeniana *A Reformation of Schooles*. Igualmente, Charles Hoole (1610-1667), renomado escritor inglês de prática escolar, passou a recomendar os textos latinos de Comenius, que foram utilizados por longo tempo nas escolas inglesas.⁸⁴

Assim, por conta do melhor momento político do país, Hartlib, ainda que de forma mais modesta do que o programa inicial para o Colégio Universal, canalizou juntamente com Dury e Culpeper, em 1646, sensíveis modificações na proposta do Colégio de Comenius.⁸⁵ Tais adaptações e ajustes buscaram

⁷⁹ GONZÁLEZ, *História do pensamento cristão*, vol. 3, p. 292-293; HULSE, *Quem foram os puritanos?*, p. 67-70.

⁸⁰ Sobre o apoio de Oliver Cromwell à causa reformista, especialmente no que dizia respeito a Samuel Hartlib, Trevor-Roper afirma que ele recebia uma pensão de Cromwell, assim como a recebera de Pym e St. John. Ver: TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 208-209.

⁸¹ GONZÁLEZ, *História do pensamento cristão*, vol. 3, p. 286; HULSE, *Quem foram os puritanos?*, p. 59-63.

⁸² Comenius teria escrito a Hartlib, em 1646, perguntando se haveria alguma chance de o *Collegium Lucis* ser, naquele novo momento, estabelecido na Inglaterra. Ver: TURNBULL, G. H. *Hartlib, Dury and Comenius*. London: University Press of Liverpool, Hodder & Stoughton, 1947, p. 372.

⁸³ Prova da aceitação e interesse dos ingleses pela pansofia de Comenius, mesmo após ele ter deixado a Inglaterra, foi a publicação que Hartlib organizou, em Londres, das obras comenianas *Pansophiae diatyposis* (em 1643) e *A Continuation of Mr. J. A. Comenius school endeavours* (em 1648). Mesmo as inúmeras viagens e estadas em países da Europa que Comenius efetuou a partir de 1642 devem ser consideradas, em grande medida, em função da recepção que suas teorias tiveram na Inglaterra. Ver: CAULY, *Comenius o Pai da Pedagogia Moderna*, p. 223-239, 211.

⁸⁴ COVELLO, *Comenius: a construção da pedagogia*, p. 56.

⁸⁵ Vale registrar que, mesmo depois da saída de Comenius da Inglaterra, isso não implicou necessariamente no seu distanciamento dos hartlibianos. Prova disso é a carta que Comenius enviou a Hartlib em 19 de julho de 1654 da cidade de Leszno, relatando: “Você me pergunta e deseja saber o que estou fazendo ou o que estou prestes a fazer? Respondo primeiramente que só agora estou começando a me acostumar com nossa separação; e também que os grandes trabalhos são realizados de forma melhor no profundo silêncio, pois o ruído perturba e distrai. Não foi sem razão, acredite em mim, que me debrucei nesses pensamentos, nos quais eu deveria agir como um imitador de Deus e dos homens sábios, como alguém que está acostumado a lançar os seus trabalhos antes mesmo que os outros sintam que estes estejam sendo liberados”. HARTLIB PAPERS, document [7/72/1A].

lançar as bases para um singular projeto pansófico, a saber, o *Office of Address for Communications*.

Este projeto, que teve relevante produção durante o protetorado de Oliver Cromwell, fora criado em grande medida a partir de uma evidente associação de ideias entre o *College*, de Bacon, e o *Collegium Lucis*, de Comenius. Conhecido como *Office of Address*, tornou-se uma tentativa dos hartlibianos de dispor, a partir da Inglaterra, de um centro de fomentação intelectual e cultural. Um centro que pudesse desenvolver e aperfeiçoar de modo objetivo uma nova disposição para a comunicação internacional com vistas a promover a informação e atualização do conhecimento útil, a educação e instrução religiosa e cultural, e o desenvolvimento e progresso social.

Vale ressaltar que, no processo de adaptação que Hartlib implantou na proposta central e em algumas das funções do Colégio pretendido por Comenius, o *Bureau d'Adresse*, de Théophraste Renaudot, prestou sensível contribuição e inspiração ao grupo. O modelo de atuação e os esforços bem-sucedidos que o escritório parisiense dedicava em sua proposta de difusão da informação serviram de referência inicial para os incipientes trabalhos do *Office of Address*.⁸⁶

Levando-se em consideração alguns aspectos do modelo de operação do *Bureau*, o *Office of Address*⁸⁷ passou a moldar e a estruturar os detalhes da sua atuação tornando-se uma espécie de núcleo em que boa parte dos pressupostos protestantes voltados à sociedade e à cultura pudessem ser direcionados à educação, à ciência e à técnica.

Assim, por estar comprometido em promover a divulgação e difusão universal do conhecimento e da verdade, o *Office* apresentou-se como uma conveniente e oportuna plataforma de recrutamento de novos associados, aliados políticos e acadêmicos que, por meio do convencimento do apoio de patronos, conseguiu empenhar-se em diversos empreendimentos humanitários que visavam à melhoria das condições de vida do homem e da sociedade.⁸⁸

Semelhantemente ao que deveria ter acontecido com o Colégio Universal de Comenius, o *Office of Address* fora concebido, pelo menos inicialmente, para ser uma instituição regulamentada e patrocinada pelo Estado, a fim de

⁸⁶ O *Bureau d'Adresse* destacava-se por operar como uma agência difusora da comunicação erudita e intelectual, bem como na promoção de intercâmbio de informações sobre o comércio, sobre produtos manufaturados e até mesmo sobre empregos. Ver: CLUCAS, S. "In Search of the True Logick: Methodological Eclecticism among the Baconian Reformers". In: GREENGRASS, M. *Samuel Hartlib and Universal Reformation: Studies in Intellectual Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 52-53. Ver também: WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 68.

⁸⁷ Registre-se ainda que o *Office of Address* teve duas repartições. A primeira, conhecida como *Office of Address for Accommodations*, acabou seguindo mais detidamente o padrão do *Bureau* de Renaudot, enquanto que a segunda, na qual o grupo de Hartlib se envolveu mais efetivamente, era denominada *Office of Address of Communications*. WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 68-69.

⁸⁸ HILL, *O mundo de ponta-cabeça*, p. 279.

se concentrar no interesse público e na produção utilitária da ciência. Desde o início da sua operação, Hartlib passou a dedicar-se profundamente às reformas econômicas propostas em *Macaria*,⁸⁹ obra de que foi o editor. Assim, junto com seus companheiros, buscava concretizar as reformas necessárias a partir do estabelecimento desse novo centro de captação e difusão do conhecimento e da cultura – centro que, conforme almejavam os hartlibianos, deveria assegurar a realização de ambiciosos planos sociais e a comunicação, em todo o reino, de tudo o que fosse socialmente bom, louvável e desejável.

O *Office of Address* fora planejado inicialmente para atuar em dois objetivos predominantes. Primeiro, desejava-se que o *Office* atuasse como um centro de informações e correspondências destinadas a promover o avanço do conhecimento universal, o progresso das ciências nos moldes baconianos e o avanço na difusão e implantação do conceito educacional comeniano, por todo o mundo. Segundo, este centro deveria direcionar os esforços dos inventores e idealizadores conforme as prioridades descritas pelas linhas de Gabriel Plattes (1600-1644) e, posteriormente, divulgadas através das correspondências expedidas por Culpeper.⁹⁰

Com isso em vista, o *Office of Address* tornou-se, mesmo que de maneira informal e sem endereço oficial, uma espécie de gabinete designado para, dentre as atividades que visavam a Commonwealth,⁹¹ arregimentar e difundir informações que tangessem a esfera religiosa e a educacional, bem como para viabilizar melhorias das condições técnicas que proporcionassem novas espécies e tipos de invenções, criações e descobertas.⁹² Foi assim que o *Office* iniciou sua atuação com três principais divisões internas de informação, a saber: Religião, Ensino e Engenho (Invenções). Dury assumiu, informalmente, a primeira divisão, onde ocupou-se das correspondências de teor religioso e teológico. A segunda divisão dedicou-se a promover a filosofia de Bacon e a de Comenius, enquanto que a terceira destinou-se a buscar recursos para tornar viáveis os objetivos do *College of Experience*, esboçado por Plattes.⁹³

⁸⁹ Hartlib fora influenciado pelas ideias de fraternidade e irmandade cristã de Johann Valentin Andreae a ponto de encomendar e publicar, em 1641, a obra *Macaria*. Essa obra indicava as possibilidades de reformar o estado inglês e as benesses que isto traria para toda a sociedade. Ver: TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 186. Ver também: WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 35.

⁹⁰ WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 68.

⁹¹ GREENGRASS, M.; LEISLIE, M.; TAYLOR, T. (Orgs.). *Samuel Hartlib and Universal Reformation: Studies in Intellectual Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 11.

⁹² DUNN, K., “Milton among the monopolists: Areopagítica, intellectual property and the Hartlib circle”. In: GREENGRASS, M. *Samuel Hartlib and Universal Reformation: Studies in Intellectual Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 178-182.

⁹³ Para mais informações sobre as divisões internas do *Office of Address*, ver: WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 69.

Comentando em seu *Englands Reformatations* alguns objetivos que as divisões internas do *Office* deveriam alcançar, Dury escreveu:

Em matéria de ciências humanas, o objetivo deveria ser: primeiro, colocar em prática o que fora designado pelo Lord Verulano em seu *De Augmentis Scientiarum* acerca do ensino. Segundo, auxiliar o empreendimento de Comenius, principalmente quanto ao método de ensino, linguagem e ciências, e a encomendar escolas para todas as idades e a zelar pela qualidade dos acadêmicos. Em terceiro lugar, em matéria de invenções e suas finalidades, deveria ser oferecida a mais rentável criação capaz de beneficiar o Estado, a fim de que o público fizesse uso conforme o próprio Estado achasse mais conveniente.⁹⁴

Portanto, baseado parcialmente no ideário do Colégio de Comenius, o *Office of Address* foi designado para atuar como uma espécie de lugar que inicialmente funcionaria como um centro de encontros e debates onde se discutiriam e promoveriam propostas e tratados de cunho social e religioso e questões que fomentassem o engenho intelectual. Dessa forma, mesmo com poucos recursos próprios, no tempo em que atuou graças aos esforços especiais de Hartlib e Dury, o *Office* buscou encorajar eruditos ingleses, envolver pensadores visitantes e manter em vigor as correspondências internacionais. Em sua operação, o grupo publicou 65 títulos⁹⁵ sobre as mais variadas áreas do conhecimento, além de organizar um grande número de livros, cartas, manuscritos e documentos, visando dar forma a uma expressiva biblioteca que fosse capaz de difundir o conhecimento por meio dos seus volumes e coleções. Antes mesmo da guerra civil, Comenius, Dury, Pell, Hübner e Hartlib haviam dado início à produção de uma série de quinze livros destinados às necessidades educacionais da infância e da adolescência, os quais se tornaram um “ambicioso projeto divulgado no *Englands Thankfulness* (1642), no *Motion Tending to the Publick Good* de Dury (1642) e nos manuscritos de Hartlib *Peace and Long Enjoyed Serenity of State*, todos escritos depois da chegada de Comenius”.⁹⁶

Mesmo longe do grupo, Comenius entusiasmava-se com os trabalhos do *Office of Address*. Na missiva de 1654, revelou seu desejo de publicar seus estudos a partir desta agência, pois escreveu a Hartlib:

Em suma, porque Deus me tem mantido até este momento (um tempo tão desejado e perto do grande ponto da virada das eras) e porque, em grande parte, os documentos das minhas coletas de mais de vinte anos de exercício mental me foram restaurados, estou disposto, durante os meses deste verão, outono e

⁹⁴ Ibid.

⁹⁵ Sobre as 65 obras publicadas pelos hartlibianos e seus respectivos títulos, ver: TURNBULL, G. H. *Hartlib, Dury and Comenius*, p. 88ss.

⁹⁶ WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 38.

inverno, a rever e a colocar tudo junto numa tela inteiramente subordinada à grande obra divina, a qual mostra que tudo deve estar sob a mão da providência eterna. Então (que o Altíssimo me faça prosperar!), tudo vai direto para você. Se você, e os que com você aí conhecem e temem a Deus, bem como se o próprio Deus, der sinais de sua boa vontade, meu trabalho deverá ser publicado por sua agência. Esta é a minha decisão, nisto coloquei minha mente e, por isso, peço a Deus que o assunto prossiga desta forma.⁹⁷

Por essas e outras razões, o *Office* passou a ser conhecido ainda como a *Agência do Avanço da Aprendizagem Universal*, sendo comum ser chamado também de Colégio, numa referência aos projetos de Bacon e Comenius.⁹⁸

Essa espécie de agência em que se tornou o *Office* dividiu-se internamente em escritórios ou repartições lideradas por professores designados. Por exemplo, Dury seria designado para ocupar a Repartição de Divindade; Robert Boyle (1627-1691) para a Repartição de Mecânica; Benjamin Worsley (1618-1673) e Culpeper para a Repartição de Agricultura e Transporte; Worsley, Thomas Coxe (1615-1685) e Boyle para a Repartição de Filosofia Experimental; Gaspar Godeman para a Câmara das Raridades, e ainda, Gerard Boate (1604-1650), Worsley e Justin van Ascher para a Repartição de Medicina.⁹⁹

Uma vez obtidas as condições mínimas de funcionamento, o *Office of Address* tornou-se também uma espécie de centro informal para desenvolver e aperfeiçoar a visão cristã de mundo e sociedade, ou seja, um núcleo em que boa parte dos pressupostos protestantes voltados à sociedade e à cultura pudessem ser direcionados à educação, à ciência e à técnica. Também atraiu e incentivou o recrutamento de novos associados, aliados políticos e acadêmicos, os quais, por meio do apoio de patronos, conseguiram empenhar-se em diversos empreendimentos humanitários e educacionais, sempre visando uma reforma em prol da melhoria das condições de vida do homem e da sociedade.¹⁰⁰

Nesse sentido, mesmo sem contar com dotação pública, o grupo de Hartlib apresentou ao Parlamento uma coleção de exposições sobre cada aspecto da reforma educacional. Trata-se de obras e ensaios de Hartlib, Dury, Cyprian Kinner (-1649), George Snell (-1701), John Hall (1627-1656), William Petty (1623-1687), Cressy Dymock (1629-1660) e Benjamin Worsley, quase todas elaboradas entre 1648 e 1650, que apresentavam o entusiasmo da reforma educacional.¹⁰¹

⁹⁷ HARTLIB PAPERS, document [7/72/1A].

⁹⁸ WEBSTER, *The Great Instauration*, p. 70.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 72.

¹⁰⁰ HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça*, p. 279.

¹⁰¹ WEBSTER, *Advancement of Learning*, p. 51.

Todavia, com as novas agitações políticas que se seguiram na Inglaterra, especialmente depois da morte de Oliver Cromwell (1658) e do declínio do puritanismo e de outros movimentos reformistas radicais, Hartlib não conseguiu dar seqüência ao seu ambicioso programa social e religioso, o que resultou no drástico enfraquecimento do círculo hartlibiano.

Com a perda de apoio e, principalmente, com o Parlamento agora descomprometido com a moção reformista, o grupo de Hartlib viu-se envolto no mais implacável desapontamento para com o plano de reforma geral. De fato, com o inevitável restabelecimento da monarquia, em 1660, ocasião em que a dinastia Stuart voltou ao trono, as aspirações da Commonwealth esvaneceram-se significativamente e já não havia mais como evitar a dispersão dos hartlibianos.

Assim, os últimos dias de Hartlib foram marcados pelo isolamento da vida pública, acarretado, sobretudo, pela perda da pensão que recebia do Parlamento e pelas constantes complicações de sua saúde.¹⁰² Entretanto, até sua morte, em 1662, Hartlib não deixou de acreditar no projeto universal instilado pela fé protestante. Igualmente, acreditou, até o fim, que as ideias presentes em *Macaria* poderiam ser desenvolvidas em outro local,¹⁰³ tendo em vista a nova configuração política assumida com a ascensão de Charles II ao trono inglês.

Nesse tempo, marcado pelo declive do ideário reformista e pela ascensão da coroa e do governo episcopal da Igreja da Inglaterra, Comenius encontrava-se em Amsterdã, gozando de paz e estabilidade, ainda que frustrado por jamais ter visto o renascimento de sua pátria, a Morávia, e por não ter conseguido implantar o seu programa pansófico.

Porém, a partir de 1662, ao tomar conhecimento das conquistas da então recém-fundada *Royal Society*, de Londres, Comenius, ainda muito ligado ao ideário do grupo de Hartlib, voltou a alimentar esperanças na realização da anelada Reforma Universal. Foi com essa expectativa que retomou os esforços para publicar seu programa pan-harmônico, escrito entre 1641 e 1642, ou seja, seu *Via Lucis* e, sem hesitar, dedicou e enviou quatro exemplares do mesmo, em 1668, à *Royal Society*, dois anos antes de sua morte.¹⁰⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é difícil perceber que o legado dos hartlibianos não tem, ao longo do tempo, despertado grande interesse de estudiosos, teólogos, educadores e historiadores modernos e contemporâneos. Tal desinteresse parte, ao que parece, de uma difusa tendência dos historiadores em selecionar suas leituras de acordo

¹⁰² Ibid., p. 63.

¹⁰³ TREVOR-ROPER, *Religião, reforma e transformação social*, p. 215.

¹⁰⁴ HALL, Rupert A.; BOAS, Marie. *The Correspondence of Henry Oldenburg. Vol. IV (1667-1668)*. Madison e Milwaukee: The University of Wisconsin Press, 1965, p. 389.

com a entonação do diapasão e dos sensórios modernos.¹⁰⁵ Tal tipótono tem soado em correntes historiográficas que insistem em ignorar a coexistência de elementos em períodos de transição, azo em que estudiosos modernos rejeitam o antigo (ainda que este não tenha se desvanecido totalmente) e elegem o novo (ainda que este não tenha a florado plenamente). Em correntes que perseveram em não perceber que rupturas e continuidades acontecem de forma simultânea na história, ocasião em que muitos estudiosos passam abruptamente do inamovível, improgressivo e inalterável para suas antíteses. E ainda, quando historiografias evitam ao máximo as implicações metafísicas, morais e religiosas, oportunidade em que muitos justificam suas abordagens tendo como pressuposto a ruptura da anterior confiança em Deus.

Nesse sentido, é provável, infelizmente, que alguns concluem que o curto sucesso do grupo de Hartlib (apenas durante o auge do puritanismo) prova a presença de uma espécie de incomensurabilidade entre culturas plenamente distintas.

É verdade que, se por um lado, deve-se manter distância da incauta pretensão de atribuir ao protestantismo a exclusividade tanto da origem como das vindimas da nova educação e, sobretudo, da “Ciência Moderna”, por outro, parece ser de bom alvitre considerar seu envolvimento nos ditames conceituais que definiam o desígnio cultural e intelectual numa Inglaterra seiscentista.

Assim, apesar de o programa hartlibiano não ter sido adotado na íntegra pela *Royal Society* e de que nem todos os ideais do grupo de Hartlib tiveram seguimento após a Restauração, uma releitura do protestantismo permitirá observar algumas franjas conceituais da década de 1640 que sinalizam a continuidade de certos princípios que alicerçavam a nova cultura. Permitirá, por exemplo, analisar que o *corpus* teórico da nova filosofia, utilizado pelos primeiros membros da *Royal Society*, ainda abrigava princípios protestantes que coparticipavam da concepção de ciência.

Não obstante a vigilância dos eruditos modernos em manter distantes certos aspectos religiosos das discussões filosóficas e históricas, há de se perceber que certos dutos conceituais transmitiam alguns valores, dentre esses os teológicos, que estavam na base da nova ciência inglesa. Neste caso, permanecia a convicção de que a natureza é regida por leis inteligíveis, uma vez que fora criada por um Deus racional e onisciente. Conservava-se o princípio de que a ciência é um instrumento legitimado pelas Escrituras com vistas a amenizar os efeitos deletérios do pecado. Mantinha-se ainda a firme motivação do estudo das ciências naturais no propósito de perscrutar a glória do poder e da sabedoria do Criador. Disto são testemunhas alguns protestantes fundadores da

¹⁰⁵ ALFONSO-GOLDFARB, Ana M. *A magia das máquinas: John Wilkins e a origem da mecânica moderna*. São Paulo: Experimento, 1994, p. 27-28.

Royal Society, como John Wilkins, Theodore Haak, Robert Boyle, John Pell, Jonathan Goddard e Christopher Wren, dentre outros.

De fato, longe de qualquer pretensão de esgotar o assunto, vale lembrar que a ideia do mandato cultural divino parece ter dado uma motivação redentiva para que a filosofia natural conhecesse e extraísse a essência das coisas, uma vez que as ciências deveriam visar os fins proveitosos destinados a mitigar o sofrimento. De igual modo, com base nesse mesmo mandato, os novos filósofos tiveram a liberdade de associar a filosofia de Bacon com a visão bíblica da Queda, o que, tudo indica, contribuiu para que o conhecimento experimental abrisse as portas para uma ciência frutífera.¹⁰⁶

Ademais, não parece ser coerente conceber como irrelevantes os esforços do grupo de Hartlib sob a consideração pragmática de que seus intentos não prosperaram a partir do período da Restauração. Nesse caso, talvez seja válido considerar o quinhão outorgado pelo círculo de Hartlib no enfrentamento do aristotelismo e do escolasticismo, ainda bastante presentes na educação e na ciência em meados do século 17. Pois, neste aspecto, parece crível a contribuição que deram para introduzir, na Inglaterra, a aplicabilidade da ciência, tendo em vista que insistiram em viabilizar o experimento e a técnica no ambiente acadêmico.

Igualmente, afigura-se pertinente considerar os esforços que a geração de 1640 canalizou para alavancar a filosofia baconiana, para promover a reforma na educação e nas ciências, para impulsionar uma ciência frutífera, para difundir o conhecimento, etc. Nesse sentido, parece oportuno conceber que os hartlibianos outorgaram um legado articulado de seus trabalhos universais, ou seja, delineararam uma amostra de propostas envolvendo a organização do conhecimento, a distribuição de laborações e ações, a conexão e divulgação das produções técnicas e da ciência, etc.

E ainda talvez seja justo avaliar que os trabalhos e diligências empreendidos ajudaram a proporcionar parte do condicionamento inicial de uma organização em ciência que a Inglaterra não tinha antes de 1640 e a que, pela atividade que desempenharam, a geração de 1660 pôde dar prossecução.

Por fim, não é difícil alguém perguntar se a eclosão da nova ciência poderia ter acontecido sem o engajamento dos hartlibianos ou até mesmo do protestantismo, tendo em vista a modernidade sustentar o divórcio entre fé cristã e ciência. É provável que, sob o ponto de vista lógico, alguém se interesse em responder. Todavia, para a História, não faz muito sentido empenhar-se em reconstituir uma história diferente da que aconteceu.

¹⁰⁶ Nesse sentido, vale lembrar também que a união da ideia baconiana acerca do poder material da natureza com a visão protestante de regeneração espiritual, intelectual e social colaborou com a afinidade entre o protestantismo e a ciência.

ABSTRACT

Among other reformers, Hartlib's group, attracted by the principles of the Protestant Reformation, was among those who wished for a complete reform in seventeenth-century England. Its members were convinced that Protestant spiritual and intellectual renewal would provide the basis for a new cultural and social vision. They believed that the reformulation of the prevailing educational and philosophical model would leverage English general reform, that is, the complete reform of religion, culture, politics, economics, and other social demands. The hartlibians stood out among those who hoped that England should occupy the world center of the dissemination of knowledge, as well as bring together the Protestant leadership of Europe. During their Puritan effervescence, its members and supporters intended to foster an environment and occasion favorable to the intellectual and technical innovations that could advance social achievements from medicine to mining to agriculture in England. It appears that the work undertaken between 1640 and 1660 provided part of the initial arrangement of a systematization in science which England and the world did not know before the 1640s, and which, by their activity, the Royal Society of London was able to undertake after 1662.

KEYWORDS

England; Reform; Protestantism; Hartlibians; Education; Science.